

# EDUCAÇÃO LASSALISTA: Experiências no cotidiano escolar

ORGANIZADORES

ROBERTO CARLOS RAMOS ★ GIANI WIEBBELLING  
KASSIANA BOECK ★ ROSELI SIMONE PINTO ★ ALEXANDRO LIMA



**Atena**  
Editora

Ano 2022

# EDUCAÇÃO LASSALISTA: Experiências no cotidiano escolar

ORGANIZADORES

ROBERTO CARLOS RAMOS ★ GIANI WIEBBELLING  
KASSIANA BOECK ★ ROSELI SIMONE PINTO ★ ALEXANDRO LIMA



**Atena**  
Editora

Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

Marketing La Salle 2020

**Alunos da Imagem**

Gabriel Albert de Azambuja

Katrine Letícia Heinske

Júlia Morim de Oliveira Franco

Otávio Rosa da Silva

Matheus Lima Conceição

**Design da capa**

Alexandro Lima

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



## Conselho Editorial

### Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador

Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Educação Lassalista: experiências no cotidiano escolar

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Roberto Carlos Ramos  
Giani Wibbeling  
Kassiana Boeck  
Roseli Simone Pinto  
Alexandro Lima

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação Lassalista: experiências no cotidiano escolar / Organizadores Roberto Carlos Ramos, Giani Wibbeling, Kassiana Boeck, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Outros organizadores  
Roseli Simone Pinto  
Alexandro Lima

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5983-828-8  
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.288220701>

1. Educação Lassalista. I. Ramos, Roberto Carlos (Organizador). II. Wibbeling, Giani (Organizador). III. Boeck, Kassiana (Organizadora). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Se vocês educadores Lassalistas,  
“(...) têm com seus alunos firmeza de pai  
para retirá-los do mal e afastá-lo dele,  
devem igualmente ter-lhes ternura de mãe  
para atraí-los e beneficia-los com todo o bem  
que esteja a seu alcance!”

**(La Salle. Meditações. 101,3,2).**

## APRESENTAÇÃO

Encontramo-nos diante de uma mudança profunda em nossa sociedade. O mundo educacional sente o impacto transformador das pessoas, dos métodos, da gestão e dos valores. A mudança das formas de ensinar e aprender é um imperativo presente e inadiável.

Este livro apresenta 16 artigos, resultado de estudos no contexto escolar que marcam as pautas das mudanças necessárias, escritas e vividas pelos educadores lassalistas. Com temáticas educacionais variadas, objetiva aproximar as convicções teóricas às eficazes experiências, tão necessárias à sociedade do conhecimento e da mudança incessante.

Os escritos desta obra estão centrados no potencial dos profissionais da educação, no qual, são imprescindíveis na missão Educativa Lassalista, desafiando-os ao aprofundamento teórico, a partir dos frutos das experiências vividas no cotidiano escolar, a fim de ser um instrumento de pesquisa para docentes, gestores e estudantes na busca constante de respostas às questões que chamam atenção para a diversidade educativa.

Os autores desta obra são profissionais da educação, que por meio da pesquisa expressam as experiências nos diversos setores do espaço escolar, falando das da própria vivência, transformando em produção intelectual e buscando compartilhar com você, leitor, as suas indagações, percursos e descobertas.

A Missão Educativa Lassalista é a nossa inspiração e herança, que nos vincula à primeira escola de São João Batista de La Salle, em Reims, na França, no ano de 1679, e assim hoje, com todas as pessoas vinculadas ao Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS, que no seu rico passado de 113 anos de história, somos desafiados a aprimorar as práticas educativas e os fundamentos metodológicos, visando à construção do conhecimento e à formação humana e cristã de crianças e jovens.

Ressaltamos que as experiências da prática educativa, expressos em cada artigo do livro, são os ingredientes ótimos que, combinados, produzirão novos conhecimentos e nos inspirarão à dinâmica escolar e a Missão Educativa Lassalista.

As experiências do cotidiano escolar estão vinculados, especialmente, as fundantes no ato de ensinar e aprender e estão carregadas de distintos conhecimentos, de várias percepções e de concepções de educação e de mundo, gerando uma leitura divergente e fecunda.

Ousamos dizer que as experiências no cotidiano escolar são produtivas e profícuas. Integram as diferentes áreas do conhecimento e abrangem diversos aspectos do ambiente educacional, buscando articular as vivências e os conhecimentos, com os saberes históricos acumulados, contribuindo para a construção e maturação da identidade dos envolvidos.

Sejam bem-vindos a estas páginas. Esperamos seu olhar curioso se encontrando com as práticas educativas lassalistas, fecundadas de conhecimentos e saberes múltiplos, sobretudo esperamos contribuir com a educação de qualidade. Como muito bem disse o grande filósofo Emanuel Kant, “O ser humano é aquilo que a educação faz dele!”

Os autores.

## PREFÁCIO

Prefaciар esta obra é viver a experiência de recobrar experiências, legados e sonhos futuros da educação e dos educadores que habitam em nós. Vivemos um novo tempo cronológico e existencial jamais pensado e preparado com a abrupta chegada da pandemia do Coronavírus que forçou a aceleração de processos, modos de existir, de educar e principalmente de nos relacionarmos.

Neste cenário a gestão educacional em diferentes contextos, e em proporções planetárias é provocada a constantes metamorfoses para responder às novas demandas sociais, pessoais e institucionais. O Convite que se impõe convoca-nos a assumirmos nossa adultez respondendo com atitude Antifrágil (TALEB, 2015). Tudo exige, mais que resiliência, adaptabilidade, empoderamento, novos métodos, revisão de processos, e estruturas, de formas de pensar e de trabalhar para responder bem ao que a vida nos pede no momento presente (FRANKL, 2008).

No cenário Educacional a palavra de ordem é reinvenção educacional. Tanto de seus atores quanto de seus métodos, conteúdos e processos. Esta realidade exige mudanças pedagógicas profundas na certeza de que a escola que nos trouxe até aqui, não nos levará adiante caso continuemos a fazer mais do mesmo.

Em meio a tantas janelas de oportunidade que se abrem, em La Salle encontramos um legado inspirador. Em tempos de profundos desafios econômicos, sociais, sanitários e educacionais, ele reinventou a escola para torná-la acessível aos jovens de seu tempo. Hoje ele continua a suscitar interrogações por formas assertivas de responder aos desafios de nosso tempo, em meio a tantas incertezas, e na grande certeza de que mudar é preciso para continuarmos nos reconhecendo educadores. La Salle primeiro faz a experiência de estar com os alunos, de formar professores, de constituir comunidade educativa. Depois, ele sistematiza em seus escritos que continuam nos acompanhando e inspirando na atualidade. Ele faz a experiência com os seus, depois a sistematiza. Esta obra também segue este princípio ao trazer a sistematização de vivências tão atuais, relevantes e marcadas por um tempo existencial profundo e carente de mais tempo para experimentar e não somente vivenciar periféricamente oportunidades que a vida nos propicia para, de fato, estarmos juntos. (BENJAMIN, 1993).

Esta é a era da busca por pessoas que inspiram. Portanto, a recuperação do *Storitelling* legitima-se no mundo atual que busca referenciais para a construção de trilhas existenciais. Nos professores almejamos pessoas que educam pelo saber fazer, pelo ser e pelo conviver além do saber. Ou seja, para além de um conteúdo a comunidade educativa exige, na figura dos educadores, pessoas com história de vida inspiradora, portadora de esperança, sinalizadora de princípios e valores que projetam luzes e mentorias para que os educandos organizem suas trilhas de vida.

Portanto, esta obra nos reúne junto a um grande propósito de educar para a vida. Mais que um *slogan*, é um grande compromisso com a formação das novas gerações. Tal propósito constrói-se na missão que se reinventa, na fidelidade criativa, para continuar a dar respostas às necessidades que se apresentam, de toda ordem, especialmente nestes tempos pandêmicos.

Tal propósito é vivido nesta época que exige a integração de saberes. A aproximação da verdade, o avanço no conhecimento se dá pela colaboração de diversos saberes, dentre eles, o saber fazer e o saber ser e conviver não somente entre humanos mas com a casa Comum (FRANCISCO, 2015).

Estamos ainda vivendo uma educação imersa na travessia pandêmica que exige uma reorganização estética de nossos espaços. Dentre eles, o conceito de sala de aula consolida-se no sentido amplo, seja pelo mundo da virtualidade, da integração com a cidade, com os espaços públicos, sociais, com os espaços privados, entre tantos outros que possibilitam a experiência do aprender.

Para continuar nesta Arena Existencial precisamos desenvolver Habilidades do Futuro que já chegou. Algumas já se mostram claramente. Outras ainda estamos por desenvolver. A exemplo do segundo e terceiro idioma, da alfabetização digital, da produção de conteúdos digitais, além de simples usuários destes, do trabalho colaborativo, da inovação, do pensamento criativo e empreendedor que nos ocupam no momento, legitima-se a pergunta: Que competências aguardam o profissional do futuro? Como podemos educar para um amanhã que já chegou e que ao mesmo tempo encanta, se mostra, se esconde, se anuncia, se denuncia e silencia?

As Competências Educacionais que nos trouxeram até aqui para resolver as grandes questões da humanidade, serão as mesmas que nos levarão daqui para frente? Os indicadores que até então balizam a qualidade educacional nos standares governamentais e não governamentais, continuarão a nos guiar para a educação que queremos?

Em meio a um mundo de incertezas a cooperação mostra-se caminho viável. Nela, as hélices educativas recuperam seu valor no conceito de educação para a vida. Ao recuperarmos as hélices, estamos nos referindo à educação em rede, colaborativa. Esta que integra escolas com governos, empresas, comunidades, enfim, todos os atores sociais. Não se forma para a vida sem considerar estes campos laboratoriais que fomentam competências urgentes e necessárias para a vida que queremos.

Outra certeza que nos acompanha é a coabitação num mundo híbrido quanto ao uso de novas tecnologias educacionais. Sermos digitais fará, ou já faz parte de nossos processos de identificação, de reconhecimento, de existir em educação. Não temos possibilidade de regredir a um mundo analógico, a um mundo que funcionou por séculos pautado basicamente na presencialidade. Agora, habita em nós o imperativo híbrido que faz a vida ganhar fluxo. Portanto, o presente e o futuro já estão grávidos de novos métodos educativos onde imperam ferramentas digitais que mesclam presencialidade e virtualidade.

Cada vez mais, nossas experiências estarão carregadas desta realidade.

Outra pergunta importante que continua a trabalhar em nós, neste mundo de metamorfoses, é pelo conceito de Educação de Qualidade nos tempos atuais? Que educação vem responder com maior assertividade as demandas da vida e do mercado de forma mais integral e integradora? Mesmo na fragilidade da resposta, temos indicadores que nos remetem à resolução de problemas reais, ao atendimento dos objetivos do desenvolvimento sustentável conforme (ONU, 2021), dentre outros.

Independentemente dos rumos e tendências educacionais do presente, não questionamos a necessidade do cultivo da Pedagogia do Cuidado de si e do outro. Este cuidado transcende o mero saber, o julgar, a estrita análise ou solução parcial de um problema ou situação existencial. Ele exige o cuidado com a vida em sua plenitude. Cuidado das pessoas, das diferentes manifestações de vida no planeta. Toda nossa partilha, vivências e experiências participam de nosso legado educacional. Não educamos para o imediato, nem para doarmos coisas, mas sim para ficarmos nas pessoas, com nossa acolhida, nossos valores, nossas formas de viver e conviver.

E o futuro da educação? Os desafios são muitos. As possibilidades também. Como La Salle reinventou a educação para que ela respondesse com fidelidade e criatividade aos problemas de sua época, somos convidados à mesma reinvenção. Ou seja, a educação da atualidade precisa se posicionar, com criatividade, inovação e empreendedorismo. Responder aos gargalos pessoais, sociais e institucionais para fidelizar-se é condição necessária e imprescindível para a mudança das pessoas que farão a mudança do mundo que temos para o mundo que queremos.

Creio que nosso futuro educacional está no equilíbrio do hibridismo, aliando novas tecnologias, inteligência artificial com inclusão humana, grande desafio para uma realidade tão desigual entre países pobres, em desenvolvimento e ricos. Pouco adiantará mergulharmos no mundo digital se não fizermos processo de educação e cultura da inclusão num contexto onde o acesso digital é brutalmente desigual e excludente.

Vivenciar o sonho de construirmos uma cidade educadora, onde todas as forças se unem para o bem-estar e qualidade de vida para todos é possível. Acreditemos: grandes coisas são possíveis quando na coletividade encontramos as melhores soluções para nossas dores pessoais, sociais e institucionais. Que a leitura das experiências registradas por educadores, nesta obra, nos ajude a reinventar a educação no contexto do Pacto Global capitaneado pelo Papa Francisco (ORTIZ, 2020).

Prof. Dr. Paulo Fossatti  
Reitor - Universidade La Salle

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. (1993). **La metafísica de la juventud**. Barcelona: Paidós.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si' Do Santo Padre Francisco Sobre O Cuidado Da Casa Comum**. Vaticano, 2015. [https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si\\_po.pdf](https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf). Acesso em 04 maio 2021.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução Walter O. Schlupp & Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

ONU. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Nações Unidas, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 25 out. 2021.

ORTIZ, Juan Antonio Ojeda; GARCÍA, Manuel Jesús Ceballos; RAMOS, Beatriz Ramírez. **Luces para el Camino**: Pacto Educativo Global. União Européia: OIEC, 2020. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/08/LIBRO-PACTO-EDUCATIVO-GLOGAL-OIEC-1.pdf> Acesso em: 25 jul. 2021.

TALEB, Nassim Nicholas. **Antifrágil**. Tradução Eduardo Rieche. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2015.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

MEMÓRIAS, TRAJETÓRIA E IDENTIDADE DE UMA EDUCADORA, NO LA SALLE CARMO

Solene Borges

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2882207011>

### **CAPÍTULO 2..... 12**

EXPERIÊNCIAS DE PERTENCIMENTO NA MISSÃO EDUCATIVA LASSALISTA NO COLÉGIO LA SALLE CARMO

André Oliboni

Camila Nunes

Daniela Fabiana Forini de Jesus

Diogo Pereira Machado

Elisabete de Fatima Renhs

Leandro Moterle

Luciana Pereira Guedes

Mauro Fengler Gottardi

Patrik Liseu Zotti Serena

Shaiane Paim da Silva

Silvia Schiavenin

Simone dos Santos

Tatiana de Lima

Vagner Cunha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2882207012>

### **CAPÍTULO 3..... 20**

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS: MATERIAIS MANIPULÁVEIS OU DIGITAIS PARA A COMPREENSÃO DE CONCEITOS E O ENSINO DE MATEMÁTICA BÁSICA

Francine Abreu Guerra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2882207013>

### **CAPÍTULO 4..... 35**

O PAPEL DA ESCOLA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE - UMA MEDIAÇÃO NECESSÁRIA REALIZADA A PARTIR DO PROJETO BEM-ESTAR DO COLABORADOR LASSALISTA

Daniela Biondo

Leandro Moterle

Vanessa Lazzaron

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2882207014>

### **CAPÍTULO 5..... 45**

LA SALLE CARMO: UM COMPROMISSO NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

Kassiana Boeck

Kellin Vizonan

Solene Borges

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2882207015>

**CAPÍTULO 6..... 55**

ENSINANDO OS ESTUDANTES LASSALISTAS A BEM VIVER

Leandro Moterle

William Mallmann

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2882207016>

**CAPÍTULO 7..... 67**

PROJETO TRILHANDO VALORES

Bruna Machado de Lima

Carla Aires Bizzi

Cristiane Vargas

Daiana Juhem Graminho

Liane Kolling

Marlene Pistor Formigheri

Paola Rossi Menegotto

Patrícia Dorneles Barbosa

Simone de Mozzi de Castilhos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2882207017>

**CAPÍTULO 8..... 78**

ESCOLA E FAMÍLIAS: REFLEXÕES DE EXPERIÊNCIAS E INTEGRAÇÃO NECESSÁRIA NO COLÉGIO LA SALLE CARMO

Wanderson Frigotto Fernandes

Pablo Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2882207018>

**CAPÍTULO 9..... 91**

OS LIMITES NO CONTEXTO ESCOLAR: DESAFIO PARA PAIS E EDUCADORES

Daiane Pereira Vieira Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2882207019>

**CAPÍTULO 10..... 100**

ENSINANDO INGLÊS COM AMOR E MUITA CRIATIVIDADE

Daniela Ferretto Schmitt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070110>

**CAPÍTULO 11..... 107**

EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COM O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CONTEXTO DE PANDEMIA

Raquel Mignoni de Oliveira

Nathaline Bachi Marchett

Camila de Cesero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070111>

<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>118</b>
ENSINO REMOTO CONSTRUÍDO POR EDUCADORES E PROCESSOS DE ENSINO EM TEMPOS DE PANDEMIA	
Roberto Carlos Ramos	
Kassiana Boeck	
Marina Camargo Mincato	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070112">https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070112</a>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>133</b>
UM FAROL EM MEIO À ESCURIDÃO	
Janaína Isabel dos Santos	
Marcelo Silveira Gomes	
Tatiane Ramos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070113">https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070113</a>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>137</b>
A PRÁTICA ESPORTIVA NO COTIDIANO DO COLÉGIO LA SALLE CARMO	
José Aldair Teles Fabro	
Marcelo Barro	
Vilson Carra Júnior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070114">https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070114</a>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>147</b>
A ACESSIBILIDADE E A INCLUSÃO DO ALUNO CADEIRANTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Nathália Griebler	
Elidiane Ferreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070115">https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070115</a>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>154</b>
A INCLUSÃO COM TODAS AS LETRAS	
Elidiane Naziazeno Ferreira	
Monica Tissot	
Kassiana Boeck	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070116">https://doi.org/10.22533/at.ed.28822070116</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>163</b>

## OS LIMITES NO CONTEXTO ESCOLAR: DESAFIO PARA PAIS E EDUCADORES

Data de aceite: 01/12/2021

### **Daiane Pereira Vieira Lima**

Formada em Pedagogia e História pela Universidade de Caxias do sul e pós graduada em Psicopedagogia na FSG. Professora de História no Colégio La Salle Carmo de Caxias do Sul/RS

*“O amor, o carinho e o respeito são e sempre serão as formas necessárias de se evidenciar uma educação mais presente, sempre deixando o jovem vivenciar os valores do ‘não’ e do ‘sim’, pois, dessa forma, se tem educandos que respeitam e demonstram interesse pela educação de um modo geral.”*

### **1 | INTRODUÇÃO**

Limite é o espaço até onde se pode circular, até onde se pode ir. É barreira, mas também é desafio, pois pode-se lutar para se obter e se ampliar o limite. A tarefa mais difícil nesta vida é educar um ser humano, pois isso demanda atenção por tanto tempo, que se deixa de perceber, uma vez que se recebe educação até o último momento da vida.

A disciplina escolar está intimamente ligada à questão dos limites, ou seja, à posição que cada um ocupa, até onde cada um pode avançar, reconhecendo e respeitando as

fronteiras existentes, inscritas nos valores construídos durante as muitas histórias de vida. A escola deve proporcionar um trabalho criativo e participativo, pontuado por uma base sólida, dada por meio dos limites e do respeito mútuo.

Segundo a afirmação de Hamachek (1979): “a personalidade de um professor não só pode influenciar para melhor ou para pior o comportamento dos alunos, como os alunos podem influenciar o comportamento do professor”.

Nas escolas, a relação entre o aluno e o professor chegou a uma condição muito favorável, quando se entende que a participação do estudante está maior, diferentemente de outras épocas, em que o papel do aluno se restringia a ouvir e guardar as informações que recebia.

O aluno de hoje está mais estimulado e responde com mais agilidade ao meio, o que confere a ele a posição de partícipe nos grupos sociais, na casa e, especialmente, na escola. Todavia, dada a falta de condução, devido a uma educação sem limites, a criança ou o adolescente acaba se tornando um ‘canhão sem direção’, que ‘atira para todos os lados’ e, ao acaso, acerta em quem estiver na sua trajetória e a si mesmo inevitavelmente.

Não se pode deixar de salientar um aspecto de extrema importância em relação ao estabelecimento de limites: a ausência dos pais na vida desses jovens em virtude da carga

horária dedicada ao trabalho, deixando a convivência educacional aos cuidados da escola, como se esta tivesse a obrigação de dar conta de todas as questões que dizem respeito à família. Essa necessidade gerou um sentimento de culpa nos pais, que, para compensar tais circunstâncias, acabam sendo permissivos em demasia com seus filhos, impedindo, por conseguinte, momentos de educar e de proporcionar os valores que devem ser seguidos, estes derivados dos próprios pais e da constituição da personalidade dos indivíduos.

## 2 | RELATO SOBRE O HISTÓRICO DOS LIMITES

Conforme La Taille (1996, p. 9): “o limite situa, dá consciência da posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, a sociedade como um todo”. A partir disso, o aluno que desconhece os limites em uma relação não é o questionador, mas aquele que não respeita os limites do outro, os sentimentos, as ideias, os valores, as crenças e as opiniões, a maneira de o outro ver e compreender o homem e o mundo.

Tal concepção entende ‘limite’ como a posição em que me encontro em relação aos demais e como estes se encontram em relação a mim. Essa ideia tem em comum a construção subjetiva e afetiva do sujeito, em seus valores e em seu respeito ao outro e a si mesmo.

Historicamente, reconhece-se que pais e educadores são produtos de uma sociedade de modelo patriarcal, em que a autoridade dos pais era inquestionável. As fronteiras eram rígidas, e, como consequência, as relações eram distanciadas. Pais e filhos se desconheciam como pessoas e construíam suas vidas longe uns dos outros, ignorando sonhos, ideais, mitos, medos e fraquezas.

O limite na sociedade patriarcal era visível e impossível de ser transposto, a não ser com grandes movimentos e acontecimentos que, ao mesmo tempo em que abriam brechas para uma eventual proximidade, causavam escândalo e sofrimento. Os filhos deviam obediência absoluta e cega a seus pais, e as questões da infância aconteciam nos quintais, distantemente dos pais, e a preferência era de que estes não as descobrissem.

Em sala de aula, os professores proferiam suas aulas, e os alunos, em silêncio, lutavam para entender o mundo dos adultos, tão distante deles. Como consequência, a relação entre professor e aluno era distante e fria, marcada pelo desconhecimento um do outro. Tudo que acontecia e que era considerado próprio da infância e da adolescência ficava à margem do mundo adulto, longe de casa ou das salas de aulas.

O excesso de autoridade é tão danoso para o desenvolvimento da autonomia quanto a sua falta. Se o autoritarismo desmedido tarda a construção da autonomia e da identidade, a falta de autoridade e de limites inviabiliza a inserção do jovem no mundo adulto, no mundo da razão.

A criança ou adolescente necessita estabelecer com seus pais, professores e com outros adultos relações equilibradas, decorrentes do estabelecimento de fronteiras nítidas.

É fundamental que os filhos recebam os 'nãos', que fazem parte da educação, para que possam qualificar, adequadamente, os seus 'sins', que representam seus ganhos.

Segundo Içami Tiba (2002): “para que o filho se sinta amado incondicionalmente, é necessário, acima de tudo, que seja respeitado”; portanto, o dizer 'sim' frequentemente, não havendo a oportunidade de expressão de descontentamento e de análise de atitudes referentes ao 'não' recebido, é um desrespeito à formação de caráter e de responsabilidade da criança e do jovem.

O amor, o carinho e o respeito são e sempre serão as formas necessárias de se evidenciar uma educação mais presente, sempre deixando o jovem vivenciar os valores do 'não' e do 'sim', pois, dessa forma, tem-se educandos que respeitam e demonstram interesse pela educação de um modo geral.

Aos pais e aos educadores é reservada a tarefa de dar o suporte emocional e cognitivo para que as crianças e os jovens desenvolvam bases de raciocínio que lhes viabilizem o bom senso e o conhecimento adequado para a difícil tarefa de crescer e de inserir-se no contexto produtivo. O limite prepara o indivíduo para o entendimento de que ele não é o centro do universo, de que apesar de ele ser amado e respeitado, outras pessoas também o são.

Freud afirma que não há civilização sem repressão, sem sérias restrições, sem limites. Educar, civilizar o ser, deveria ser antes reforçar as tendências, por assim dizer, pró-sociais, do que envidar todos os esforços na repressão e na disciplina; entretanto, as colocações de Freud não devem ser desprezadas. O estabelecimento de limites, no sentido restrito do termo, faz parte da educação, do processo civilizador, e, portanto, a ausência total dessa prática pode gerar uma crise de valores, uma volta a um estado selvagem em que vale a lei do mais forte.

Ao contrário do que Freud expressa, os limites têm de ser pensados em função do bem-estar e do desenvolvimento dos indivíduos. Os limites, sempre no seu sentido restrito, também são necessários ao exercício desta faculdade humana tão rica, útil e prazerosa que é a criatividade e que está frequentemente associada à ideia de 'ilimitado'.

A existência de alguns limites faz parte da 'vida boa'. Além disso, eles são necessários para alcançá-la e para usufruí-la. Isso posto, cabe à educação ajudar os jovens a construir e a valorizar tais limites. Reencontra-se aqui o verbo 'colocar': ensinar uma técnica, um método, um jogo e, naturalmente, colocar um limite. Nesse sentido, não parece que tal prática pedagógica cause demasiadas polêmicas.

## 2.1 Limites: o que são e como trabalhá-los no contexto escolar

'Limite' é uma palavra que tem voltado à tona ultimamente. É empregada com frequência, em geral de forma queixosa: “esses jovens não têm limites!”, ou então com um quê de autoritarismo: “é preciso impor limites!”, ou, ainda, como crítica aos outros: “esses pais não colocam limites!”. A obediência, o respeito, a disciplina, a retidão moral, a

cidadania, tudo, enfim, parece estar associado a essa metáfora.

Muitas vezes, parece fácil falar de limites. Educadores e psicólogos enumeram uma série de regras e ‘porquês’ em relação ao que se deve ou não fazer com os alunos para ensinar-lhes os tais ‘limites’. Mas por que na prática isso se torna uma tarefa tão difícil? Por que os pais tantas vezes se veem esgotados ao repreender os filhos e, na maioria das vezes, não obtêm resultados?

O debate atual a respeito do estabelecimento de limites passa por essa discussão sobre o valor dos desejos e das vontades das crianças e dos adolescentes e sobre seu poder precoce de optar por bons caminhos, que levem a uma vida de realizações. Muitos pais e educadores têm medo de, ao impedirem os filhos ou alunos de satisfazerem determinadas vontades, estarem contrariando boas e até sábias opções. Se, antigamente, a colocação de limites recebia legitimação na suposta imaturidade das crianças e dos adolescentes, hoje, tal legitimação está sob suspeita: por que um adulto saberia melhor do que seu filho o que é bom para este? A expressão “faço isso para seu bem” soa como possível hipocrisia ou como autoritarismo disfarçado. Dito de maneira clara: os adultos de hoje não têm mais tanta certeza de saberem mais do que seus filhos quais são os caminhos que levam à felicidade e, portanto, colocam menos limites.

Trata-se de uma posição honesta, mas, em alguns casos, pode também se tratar de uma posição covarde, ao se dizer aos filhos “façam o que vocês quiserem”. A não colocação de limites pode tanto ser prova de humildade como de descompromisso em relação aos filhos e ao futuro do mundo. Verifica-se, hoje, que muitos jovens acabam se queixando da posição de seus pais e educadores: o que poderia ser interpretado como generosidade literária acaba sendo visto como simples ausência.

Todo o dilema está justamente nisto: como dar liberdade aos filhos, aos alunos, sem ser ausente? Como poupá-los de incessantes limitações, sem abandonar o papel de adulto, de guia? Como colocar limites e não ser castrador e injusto? Tais são as traduções de uma das grandes perguntas educacionais dos tempos atuais, e as hesitações a respeito das respostas podem ser mais uma prova de seriedade do que de fraqueza, ou então mais uma demonstração de deserção do que de liberdade. É muito fácil nutrir-se de velhas ou de novas certezas e decidir, sem nuances, colocar severamente inúmeros limites ou, pelo contrário, abdicar de vez de seu papel.

O professor Yves de La Taille (1996) afirma que há diferentes tipos de limites, no entanto, apenas um é desejável sob o ponto de vista da formação de um sujeito crítico, adequada e socialmente instrumentalizado.

Há o limite decorrente da educação autoritária, em que o adolescente obedece por medo de ser punido, sem uma atividade reflexiva diante do fato, podendo vir a cometer a mesma falta outras vezes. A obediência por intimidação não favorece a mudança do modo de pensar, apenas cerceia a ação: “eu não quero que você saia com esse menino e ponto final!”. Existe o limite que ocorre por meio da ameaça da retirada de afeto. Nesse caso, o

indivíduo não aprende a raciocinar diante de outro fato semelhante e, o que é ainda mais grave, aprende que, a qualquer momento, pode perder o amor de seus pais ou o afeto de seus professores. Apenas o limite elucidativo, o terceiro tipo, que é decorrente da clareza de comunicação e de raciocínio, educa para a construção da autonomia: “meu filho, se você continuar agindo dessa forma, seus amigos não vão te convidar mais para sair”.

‘Limite’: a fronteira que não deve ser transposta, a demarcação de um domínio que não deve ser invadido. Esse é, conforme afirmado anteriormente, o sentido mais comum da palavra quando empregada para prescrever formas de educação, em geral, e da moral, em particular, ou para expressar uma queixa em relação à geração mais jovem. Se se pensar os limites como fronteiras a serem transpostas, seja em direção à maturidade, seja em direção à excelência, a maioria dos jovens de hoje parecem sufocados por tantos limites: são convidados a permanecer em seu ‘mundo’ adolescente, são desestimulados a valorizar e a procurar a excelência e o autorrespeito.

Lembra-se, porém, de um fato importante e nunca suficientemente enfatizado: os jovens são o reflexo da sociedade em que vivem. Se for verdade que eles carecem de limites, é porque a sociedade como um todo deve estar privada deles.

Todavia, se entendermos os limites como fronteiras que não devem ser transpostas, é correto afirmar que, em geral, faltam limites aos jovens. Na verdade, trata-se de duas faces de uma mesma moeda: frequentemente, é a mesma pessoa que não transpõe os limites a serem superados e que atravessa aqueles a serem respeitados.

A maioria das famílias de hoje em dia não consegue colocar limites em seus filhos, muitas vezes, por não terem pulso e pela ‘compensação’, fazendo tudo o que os filhos querem como uma forma de compensar pela sua ausência diária.

Segundo o autor Içami Tiba (2006), os pais deveriam exigir que os filhos praticassem em casa o que eles terão que fazer como cidadãos, como disciplina, ética e responsabilidade, por exemplo.

Mas a ausência dos pais na vida desses jovens, em virtude da carga horária dedicada ao trabalho, deixando a convivência educacional aos cuidados da escola, desde os primeiros momentos, vem se tornando cada vez mais frequente. Essa necessidade familiar gerou um sentimento de culpa nos pais, que, para compensar tais circunstâncias, acabam sendo permissivos em demasia com os seus filhos, impedindo, por conseguinte, momentos de se educar e de se proporcionar o contato com os valores que devem ser seguidos; valores esses existentes nos pais e na constituição da personalidade da criança.

Contudo, abre-se nova polêmica nesse rastro de educação sem limites, ao se recordar de que muitos pais vêm de uma geração na qual se pregou por muitos anos a ideia de que a liberdade total era a melhor saída, contrapondo-se à ideia de repressão sócio-histórica vivida por eles em sua juventude, o que acarretou juízo de valores distorcido, vindo de um radicalismo social para outro, sem se fazer ‘escola’ dessa forma de se educar. Não houve ponderação e, conseqüentemente, faltou um plano mediano que fosse ajustado

à medida que as demandas surgiam. Simplesmente, foi-se estabelecendo esse modelo de educação até o momento em que se evidenciaram seus desastrosos resultados.

A questão do limite no desenvolvimento de um jovem é muito mais complexa do que se imagina, e são justamente os pais os grandes responsáveis pela sua adaptação crítica às regras sociais.

A maior dificuldade encontrada nesse aprendizado sustenta-se na seguinte afirmativa: os pais, ao tentarem impor limites para seus filhos, terão que lidar, inevitavelmente, com suas próprias questões e problemas relacionados a limites.

Entendendo-se a palavra 'limite' como regras ou leis em geral, podem-se citar alguns exemplos. Um pai e uma mãe que tiveram dificuldades de internalizar ou apreender os limites dados pelos próprios pais terão dificuldades de transmitir esse aprendizado aos filhos, pois estarão tentando passar um ensinamento que não se afirma na sua prática cotidiana. Um pai que tem como hábito cometer excesso de velocidade ao dirigir veículos, por exemplo, certamente não poderá convencer seu filho de que este não deve cometer excessos, pois ele mesmo não respeita tal limite.

Infelizmente, não se pode ensinar aos pais o que fazer durante esse aprendizado dos filhos (até porque cada casal é diferente, e cada filho também o é); todavia, constitui-se tarefa fundamental para os pais durante esse processo rever suas atitudes, crenças e valores, procurando transmitir aos filhos apenas aquilo que lhes é legítimo.

É importante, ainda, salientar que os pais devem sempre representar figuras de autoridade diante dos filhos, porém isso não necessariamente significa desempenhar apenas funções punitivas. A figura de autoridade deve ser firme, porque esse papel, primariamente desempenhado pelos pais e respeitado pelos jovens, será, futuramente, desempenhado pela sociedade e retratado pelas leis.

Dessa forma, a figura de autoridade dos pais, a maneira pela qual o adolescente vai lidar com ela e com os limites, constitui-se como base para a introjeção das regras sociais e para a adaptação a elas na idade adulta.

Os limites fazem parte da formação do indivíduo, não só em termos de quais seriam os comportamentos apropriados ou não em uma situação, mas também em relação aos valores que futuramente vão nortear suas decisões sobre o que é certo ou errado. Os adultos, no entanto, ainda estão cheios de dúvidas. Fala-se muito em 'dar limites', mas, afinal, o que isso significa na prática?

Dar limites envolve deixar claro para a criança e para o adolescente o que os adultos consideram correto em determinada situação, antes de puni-los, e quais as conseqüências se eles se comportarem de maneira considerada inadequada. Dar limites sempre que necessário, e não sair dizendo 'sim' a todos os pedidos dos filhos.

A dificuldade em colocar limites está dentro de cada pessoa, envolvendo questões como o discernimento de até que ponto se deve estabelecer limites, ou o confronto com o outro (evitar brigas e mágoas, medo de não ser aceito, culpa). Lidar com isso não é fácil,

mas é necessário que cada pessoa tenha consciência do seu próprio limite para, então, poder colocar limites.

Em relação à educação, é interessante pensar: por que se tem filhos? Os filhos trazem desafios e limites para os pais; afinal, é importante ter hora para mamar, dormir, os pais deixam de sair, entre outras situações. Quando a criança está no útero materno, ela se encontra em um espaço limitado, mas confortável e totalmente adequado para as necessidades da fase de desenvolvimento em que se encontra. Então, a criança precisa de limites pertinentes e adequados para cada idade. Se se pensa o limite como uma ação pedagógica, ele deve começar desde que o bebê é recém-nascido.

Antes de se estabelecer limites aos filhos, é necessário um trabalho de autoeducação dos pais. É importante que estes não tenham medo de errar, pois a experiência também mostra o caminho.

De acordo com Tânia Zagury (2002), uma questão muito relevante em se tratando de limites é o exagero dos pais quanto aos traumas que poderão causar nos filhos, caso venham a ser mais enérgicos. Usar o bom senso e algumas regras para estabelecer limites na educação infantil não ‘arranca pedaço de ninguém’. Faz-se necessária a consciência de que, para educar, é preciso esforço, dedicação, perseverança e paciência.

O exercício do viver só é realizável vivendo, na prática, e ele ocorre com a educação, portanto, é preciso ‘arregaçar as mangas’ e assumir o papel de orientador, de guia, de educador. Começar, antes tarde do que nunca, a envolver-se nesse processo importante e determinante da vida do ser humano, arrumando tempo e espaço para essa empreitada. Sempre que se deseja muito algo, dá-se um jeito no tempo e no espaço para alcançá-lo.

Limites são necessários à moralidade, porque, assim, o jovem entra em uma relação hierárquica esclarecida. Portanto, os pais e os professores têm que colocar limites nas crianças e nos adolescentes, mas não de forma autoritária. É necessário impor o limite e explicá-lo, porém, mais importante ainda é ajudar os filhos e os estudantes a construir seus próprios limites.

Para Yves de La Taille (1998), dar limites para a criança, seja qual for a faixa etária e a circunstância, não significa que o pai, a mãe e até o educador não gostem mais da criança; muito pelo contrário, dar limites é sinônimo de amor, de carinho e de preocupação com a formação de um cidadão consciente e educado.

O autor McMahon (1991) mostra que todos os trabalhos que abordam o tema do problema comportamental ressaltam a primazia dos processos familiares de socialização. Os estudos nos quais se avalia a dinâmica familiar dos jovens que não apresentam problemas de comportamento e daqueles com problemas de indisciplina revelam que os pais dos jovens desobedientes e indisciplinados são menos assertivos, mais complacentes e menos firmes em suas ordens em relação aos pais dos jovens pertencentes ao outro grupo.

Içami Tiba (2006) salienta a importância de explicar um ‘não’, dizendo as

consequências que podem ser acarretadas por aquilo que o filho quer.

Conforme Tânia Zagury (2002), a família é a base de qualquer educação e de uma vida estruturada, por isso compete aos pais o estabelecimento de regras e de limites, de modo que a convivência possa ser tranquila e saudável. Essa 'boa' educação se refletirá na escola.

A escola, por sua vez, deve manter a continuidade desse processo de educação, também estipulando limites para que a aprendizagem do aluno possa acontecer de forma prazerosa.

Muitos pais têm sérias dificuldades em estabelecer limites para os filhos e em dar fim a discussões e a questões simples do dia a dia, e alguns deles têm se mostrado incapazes de exercer sua autoridade junto aos filhos. Uns, mais do que outros, parecem temer exercer tal autoridade. Em determinados momentos, essa forma de agir, longe de melhorar a situação, torna a relação com os filhos bastante complicada.

Atualmente, são correntes ideias como 'dialogar com os filhos', compreender o enfoque dos adolescentes, evitar frustrações, dar liberdade, estimular a criatividade. Entretanto, essas ideias foram entendidas de forma radical, tanto por pais quanto por educadores que passaram a crer que qualquer limitação, qualquer punição (e aqui não se está fazendo apologia aos maus-tratos, aos abusos de autoritarismo) deveria ser evitada a todo custo, sob pena de não serem 'pais modernos' ou de estarem podando ou castrando a potencialidade dos jovens.

Os pais parecem ter desaprendido, por exemplo, a dizer um simples 'não' de forma convincente, quando precisam negar algo aos filhos. Na maior parte das vezes, esse 'não' soa como um 'sim'. Foram os pais que mudaram: anteriormente, eles tinham certeza do que pretendiam em relação aos filhos; atualmente, essa certeza talvez não expresse tanta convicção.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os limites são uma questão abrangente, que causa muita preocupação aos pais e à escola. Nos dias de hoje, observa-se que está cada vez mais difícil colocar limites nas crianças e nos adolescentes.

Os pais, primeiros responsáveis por darem limites aos filhos, delegam essa tarefa à escola, que, por sua vez, tenta mostrar a esses jovens a importância de se ter limites. Os filhos, porém, divergem, e os pais, em sua maioria, não dizem 'não' ao filho querido, já que passam tanto tempo longe deles.

Os autores abordados nesse trabalho deixam clara a importância do estabelecimento de limites, sem se culpar por trabalhar demais ou por estar ausente durante o dia todo. Além disso, reiteram a relevância de se dizer 'não', uma vez que isso não causa traumas, tampouco leva o filho a gostar menos de seus pais. Ao mesmo tempo em que o jovem

percebe que ele é importante para seus pais, parentes, professores, amigos, passa a reconhecer a importância e o lugar das outras pessoas.

Ter limites é, para os adolescentes, uma questão de segurança, uma necessidade básica. Não estabelecer limites é uma opção que pais e educadores podem fazer. Mas é importante que, se o fizerem, saibam que, ao contrário do que possa parecer, é também por meio dos limites que o jovem percebe que é amado.

## REFERÊNCIAS

FRISTCHER, Jorge. **Como trabalhar a indisciplina em sala de aula**. CEITEC, 2005.

PEREIRA, Gilson de Almeida. **Limites e Afetividade**. Canoas: Ulbra, 2004.

TAILLE, De La Yves. **Limites: Três Dimensões Educacionais**. São Paulo: Ática, 2006

TIBA, Içami. **Disciplina Limite na medida certa**. São Paulo: Integrare, 2006.

TIBA, Içami. **Quem Ama Educa**. São Paulo: Gente, 2002.

ZAGURY, Tânia. **Limites sem trauma**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

ZAGURY, Tânia. **Sem padecer no Paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

**A Educação Lassalista: Experiências no cotidiano escolar**

é resultado de estudos no contexto escolar que marcam as pautas das mudanças necessárias, escritas e experiências dos educadores do Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS. Com temáticas educacionais variadas, objetiva aproximar as convicções teóricas às eficazes experiências, tão necessárias à sociedade do conhecimento e da mudança incessante.

Os escritos desta obra estão centrados no potencial dos profissionais da educação, no qual, são imprescindíveis na Missão Educativa Lassalista, desafiando-os ao aprofundamento teórico, a partir dos frutos das experiências vividas no cotidiano escolar, a fim de ser um instrumento de pesquisa para docentes, gestores e estudantes na busca constante de respostas às questões que chamam atenção para a diversidade educativa.

### **A Educação Lassalista: Experiências no cotidiano escolar**

é resultado de estudos no contexto escolar que marcam as pautas das mudanças necessárias, escritas e experiências dos educadores do Colégio La Salle Carmo, de Caxias do Sul/RS. Com temáticas educacionais variadas, objetiva aproximar as convicções teóricas às eficazes experiências, tão necessárias à sociedade do conhecimento e da mudança incessante.

Os escritos desta obra estão centrados no potencial dos profissionais da educação, no qual, são imprescindíveis na Missão Educativa Lassalista, desafiando-os ao aprofundamento teórico, a partir dos frutos das experiências vividas no cotidiano escolar, a fim de ser um instrumento de pesquisa para docentes, gestores e estudantes na busca constante de respostas às questões que chamam atenção para a diversidade educativa.